

Caracterização de um novo bairro de população negra

Characterization of a new neighborhood with a black population

Bárbara G. Vitorino

Mestranda, UFBA, Brasil
Barbaravitorino.arq@gmail.com

Henrique Cunha Junior

Professor Doutor, UFBA, Brasil
henriquecunhaafricanidade@gmail.com

RESUMO

O presente artigo é parcialmente extraído da dissertação de mestrado sobre o bairro negro de Nova Ferradas na região cacauieira do sul da Bahia, e como o racismo antinegro afeta e contribui com a segregação territorial do bairro. É resultado do trabalho de pesquisa deste mestrado, realizado através do PPGAU-UFBA, no qual foram feitas revisões bibliográficas sobre a temática dos bairros negros, visitas ao bairro Nova Ferradas, e entrevistas com moradores do bairro e demais bairros da cidade de Itabuna. Nova Ferradas se diferencia dos bairros negros anteriormente estudados, e, portanto, contribui para o debate sobre a caracterização dos bairros negros. Este artigo inicia tratando sobre o processo de segregação territorial no espaço urbano brasileiro, sobretudo após o período da abolição e os efeitos negativos desta segregação sobre os territórios de maioria afrodescendentes. Também, fala da terminologia e definições sobre o bairro negro, tendo como principais referências os trabalhos de Henrique Cunha Junior e Maria Estela Ramos. Em seguida, apresenta-se o bairro Nova Ferradas e o histórico da região em que está inserido. O artigo é finalizado com observações sobre o olhar externo ao bairro – nova categoria de análise proposta para estudo dos bairros negros –, e as considerações finais sobre as temáticas e bairro estudado.

PALAVRAS-CHAVE: Nova Ferradas, segregação territorial, racismo antinegro

ABSTRACT

This article is partially extracted from the master's thesis on the black neighborhood of Nova Ferradas in the cocoa region of southern Bahia, and how anti-black racism affects and contributes to the territorial segregation of the neighborhood. It is the result of the research work of this master's degree, carried out through PPGAU-UFBA, in which bibliographic reviews were made on the theme of black neighborhoods, visits to the Nova Ferradas neighborhood, and interviews with residents of the neighborhood and other neighborhoods of the city of Itabuna. Nova Ferradas differs from the black neighborhoods previously studied, and therefore contributes to the debate on the characterization of black neighborhoods. This article begins by dealing with the process of territorial segregation in the Brazilian urban space, especially after the period of abolition and the negative effects of this segregation on territories with a majority of Afro-descendants. It also talks about the terminology and definitions of the black neighborhood, having as main references the works of Henrique Cunha Junior and Maria Estela Ramos. Next, the Nova Ferradas neighborhood and the history of the region in which it is located are presented. The article ends with observations on the external view of the neighborhood – a new category of analysis proposed for the study of black neighborhoods – and the final considerations on the themes and neighborhood studied.

KEYWORDS: Nova Ferradas, territorial segregation, anti-black racism

1. INTRODUÇÃO

É evidente a importância do negro na edificação do ambiente construído e na produção do espaço sociocultural das cidades brasileiras. Nos territórios negros das grandes urbes do país, as organizações sociais trabalham em busca da valorização das identidades negras enquanto ferramenta de combate ao racismo. Tais identidades encontram-se expressas nas artes e culturas africanas e afro-brasileiras, nas religiões de matriz africana, nos grupos de jovens que promovem a cultura do hip-hop, na formação identitária do negro, nos projetos populares de formação acadêmica para população negra e pobre, e em outros tantos lugares de ocupação e ação do povo negro. (Oliveira, 2020, p.137).

No entanto, o racismo antinegro ainda atua na desvalorização do negro e na negação do protagonismo negro na construção e desenvolvimento socioeconômico das urbes. Não apenas a atuação do negro é apagada, como o negro egresso do regime escravocrata não possuía direito de usufruto dos possíveis benefícios trazidos com o desenvolvimento das cidades. Ao contrário, a população negra, submetida a um regime de “higienização e modernização” urbana, é empurrada para as periferias. Como informa Andreilino Campos (2013), a expulsão dos negros dos centros das urbes alimenta os estigmas que pairam sobre este grupo, visto que “os espaços de resistência constituídos por negro(as) e pardos no urbano ou no campo, por meio do Campesinato, foram alvo de ataques sistemáticos ao longo dos últimos séculos, por exemplo, a transmutação de quilombo em favela” (p.227)”.

Sabe-se que, após a abolição da escravatura criminosa no Brasil, muitos dos negros escravizados nas fazendas partiram para as cidades; mas antes mesmo destes chegarem, já havia africanos e afrodescendentes escravizados que trabalhavam nas cidades, as construíam, e as davam dinamismo, como os escravos-de-ganho¹. No momento subsequente à escravatura, toda esta população negra – já estabelecida ou recém chegada às cidades – passa a ser vista como um contingente de desempregados. Agora dentro das estatísticas populacionais, os negros não eram bem vindos no planejamento de cidades que deveriam se assemelhar cada vez mais com as europeias, e, para tanto, precisariam ser embranquecidas.

Oliveira (2020), assim como Antônia Garcia, reitera a importância de trazer à superfície o debate que trata das relações étnico-raciais dentro do espaço social da cidade, para que seja possível compreender e problematizar a segregação urbana. Por muito tempo, a literatura acadêmica sobre o tema da segregação urbana limitava-se à análise da categoria classe, no entanto, as desigualdades no Brasil não estão concentradas apenas no campo da pobreza. Os privilégios da branquitude se apresentam em todas as classes sociais, e, especificamente, “aos negros, sobretudo aos subproletariados, são reservados os últimos lugares das cidades, em condições de marginalidade e a ausência de equipamentos de uso coletivo que compõem o ambiente construído” (Oliveira, 2020, p.136). Ainda, utilizando argumentos como a ausência de mudança nas características raciais das periferias, e a necropolítica da realidade brasileira, o autor reforça a importância do combate ao mito da igualdade racial no Brasil, para que então

¹ Os escravos de ganho desempenhavam funções diversas fora da atividade agrícola, normalmente em áreas urbanas. Atuavam, por exemplo, com artesanato e comércio além de trabalhos nas cidades e serviços gerais. Estes escravizados eram frequentemente alugados para terceiros, e parte do dinheiro que recebiam era entregue aos senhores.

seja possível a produção de políticas públicas contra as desigualdades urbanas e legados do escravismo.

Os bairros e lugares onde a população negra está concentrada, não são inclusos no pensamento e desenho urbano, recebendo designações como cidades clandestinas, informais, irregulares e periféricas. Esta não inclusão produz e fomenta desigualdades sociais no Brasil as quais possuem um “componente especial urbano sintetizado no bairro negro” (Cunha Júnior, 2021, p.71). Assim, os bairros negros são produzidos também pela segregação da população negra.

Especificamente neste artigo, trataremos do bairro de Nova Ferradas, da cidade de Itabuna, localizada na região cacauzeira do sul da Bahia. Consideramos Nova Ferradas como bairro negro, inicialmente pela característica étnico-racial da população, ainda que apresente especificidades e diferenças em relação a outros tantos bairros negros. Intencionamos apresentar o bairro e discorrer sobre a segregação territorial à qual está submetido, relacionando-a à ação do racismo antinegro.

2. CONCEITOS INICIAIS

A tentativa de compreender o termo bairro negro, conduz, inicialmente, à uma análise individual das palavras que o compõe: o substantivo, bairro, e a qualidade que o diferencia, negro.

Uma definição simplificada – talvez, superficial – de bairro é a porção do território ou cada uma das partes que compõe uma cidade a fim de facilitar a organização e administração pública (Houaiss, 2009). É a escala intermediária entre rua e cidade; dimensão, composta por ruas, praças e edifícios, a partir da qual a área urbana passa a existir de fato (Lamas, 1993). No entanto, é conhecido que a compreensão do bairro extrapola a objetividade do que é físico e tangível, além de ser mais complexa do que uma simples divisão territorial.

Para Lefebvre (1975), o bairro corresponde ao ambiente natural da vida social, estando sempre relacionado à escala humana; compreende ao microcosmo caminhável e mais ou menos suficiente e completo de um pedestre; é uma unidade sociológica necessária, sem a qual existiriam aglomerações, tecidos urbanos, mas não existiriam as cidades. Para mais, o autor argumenta que o bairro é o ponto mais tangível e acessível de sobreposição entre os espaços geométricos e os espaços sociais; é o local no qual os espaços econômicos, políticos, culturais são traduzidos no espaço comum quantitativo (geométrico), pelos (e para os) usuários. (p. 201) Esta visão é, aparentemente, reiterada por Souza (1989) à medida que expõe as duas realidades, subjetiva e objetiva, nas quais traduz-se o bairro. A interpenetração destas duas realidades faz com que o bairro seja uma realidade social de identidade conhecida e aceita, ainda que não de forma absoluta, não apenas pelos moradores do bairro, mas também por aqueles que residem em outros locais da cidade.

Corroborando com esta visão, afirma-se que é nos bairros que a diversidade humana se manifesta, e que a produção de identidade individual e coletiva, bem como das sociabilidades e oportunidades de vida, estão associadas à vida nos bairros (Cunha Junior, 2019, p.69).

Portanto, o bairro é o local de congruência socioespacial, onde se expressa a vitalidade da população; é o intermédio entre o indivíduo e a cidade.

É notável a influência do aspecto humano e da subjetividade para a definição da identidade do bairro a qual, por sua vez, é um dos fatores determinantes no estabelecimento das fronteiras do bairro. Além disso, os bairros podem estar categorizados, isolada ou simultaneamente, segundo diversos critérios: morfologia, desenvolvimento, renda, uso do solo/atividades, raça. Presume-se que este último critério seja o principal para a definição do bairro negro; no entanto, não necessariamente é o único. Questiona-se, então, quais outras escalas além da racial e quais outros atributos podem compor o que se denomina bairro negro. Ramos (2013), em sua tese de mestrado, discorre sobre o tema do bairro negro apresentando conceitos complementares a fim de interpretá-lo. Para tanto, reflete sobre a ambiência vivenciada através da qual os ambientes são percebidos. A construção desta ambiência mutável será dada passando pelo filtro da subjetividade, e é essencial à compreensão dos bairros negros conforme percebe-se que “além da dimensão espacial, tátil, concreta, os bairros negros também nos apontam para as dimensões sensoriais e ações sociais urbanas” (p. 70).

No trabalho de Ramos, assim como em Cunha Junior, as afrodescendências são o eixo focal nas análises dos critérios (históricos, culturais, políticos e econômicos), colaborando na compreensão da singularidade do bairro negro.

Se, como defende Ramos, é a partir da cultura que se compreende as relações sócio-espaciais, e está evidenciado que o bairro existe através destas relações, então “o bairro negro é aquele em que predomina a cultura negra” (p. 194). Isto não significa que, em um contexto diaspórico, as elaborações de bairros não-negros não sejam também assimiladas; no entanto, o bairro negro é necessariamente fruto da produção intelectual e cultural negra, que lapida a riqueza cultural oriunda da integração das diversas culturas existentes no contexto em que está inserido (p.195). Para mais, não sendo homogêneas as culturas negras, os bairros negros também serão diferentes, com diversas espacialidades e sociabilidades.

O trabalho de Ramos está estruturado conceitualmente pela forma urbana negra², que ocorre a partir da convergência da população negra e da espacialidade urbana. A autora, ainda, apresenta cinco elementos espaciais dos bairros negros sendo eles: espaços coletivos, quintais, áreas vegetais, espaços sagrados e mercados³.

Sobre a forma urbana negra, reitera-se que ultrapassa o que está materializado e é visível no espaço urbano, estabelecendo quatro elementos que a compõem. Para o autor, a forma urbana reflete tanto vulnerabilidades oriundas do racismo estrutural antinegro, quanto as potencialidades de afirmação da identidade e patrimônio cultural da população negra (Cunha Junior, 2019).

² “Assim, constituímos nossos subsídios para conceituar a *forma urbana negra*, conjugando preliminarmente a associação da *forma* como ação que se apresenta, de uma maneira, de um modo, de um jeito, de um feitio pelo qual um fenômeno pode ser apreendido. Segundo Milton Santos (1985), forma é o que é percebido, é o visível, é a descrição dos fenômenos ou de suas particularidades; do *urbano* é compreendido aqui no aspecto relativo ou vinculado à cidade, em que um conjunto de características próprias da vida social coletiva pertinente à cultura é compartilhado entre os seres daquele urbano. Em Lefebvre (1999), o urbano se define pelo nível privado, nas modalidades da vida cotidiana, compreendendo a diversidade das maneiras de viver; e do *negro*, relativo às tradições negras, diante das múltiplas expressões culturais negras.” (Ramos, 2013, p.200)

³ “Assim temos os *espaços coletivos* para práticas de uso comunitário; os *quintais* na sua organização espacial, no plantio de espécies e ornamentação das plantas, por vezes, assentamentos religiosos; os *espaços sagrados*; os *mercados*: lugares dos tabuleiros, ambulantes, quitandas, feiras; e as *áreas vegetais*, constituindo a materialidade do bairro negro.” (Ramos, 2013, p.198)

Os quatro elementos que determinam as formas urbanas negras são: a) os elementos da história e cultura negra; o ser comunidades negras e produzir territorialidades negras; b) as relações sociais entre as populações; c) o racismo antinegro, nas diversas formas presentes na sociedade brasileira, institucional, ambiental e socioeconômico; e d) as ações institucionais que antecipam as possibilidades das formas urbanas e as condicionam. (Cunha Junior, 2019, p.72 e 73)

A forma urbana negra engloba tanto o protagonismo quanto as potencialidades da população negra, refletindo as identidades e patrimônio cultural negro; mas também reflete as desigualdades e desafios provocados pelo racismo antinegro, que deve ser combatido através da educação.

Ramos estabelece cinco núcleos conceituais (figura 1) que contribuem com a definição da forma urbana negra, a partir dos quais apresenta os conceitos complementares para a compreensão do bairro negro. Estes conceitos, assim como todo o trabalho de Ramos sobre o tema, são construídos a partir do conhecimento produzido pelos africanos e seus descendentes em diáspora – no Brasil especificamente.

Figura 1 - Diagrama de Premissas conceituais e Conceitos Complementares



Fonte: Ramos, 2013, p.202

Além das definições e categorias de análise propostas por Ramos e Cunha Junior em seus trabalhos anteriores, durante a pesquisa sobre Nova Ferradas, consideramos importante também a análise do olhar externo visto que nas relações interétnicas, não apenas o definir-se, como também o ser definido possui relevância. Isto é, como aqueles que não pertencem ao bairro de Nova Ferradas enxergam e definem o bairro e seus representantes.

3. HISTÓRIA E LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DO BAIRRO

Figura 2 - Mapa de Itabuna: localização de Nova Ferradas



Fonte: Google Maps. Adaptado pela autora

Nova Ferradas, como o nome sugere, é uma extensão do bairro de Ferradas cujo território tem povoamento inicial em 1815 quando os frades capuchinhos desenvolveriam intenso trabalho de catequese no local (Andrade, 1968). Isso ocorre antes mesmo da existência de Itabuna enquanto cidade – 1910 –, e antes também da abolição da escravatura.

Assim sendo, a área de Ferradas, que mesmo antes de Itabuna se constituir cidade já estava povoada, e que estava localizada fora do centro, porém também às margens do rio, passou (e ainda passa) por adensamentos gradativos. Adensamentos estes realizados principalmente pela parcela da população que não seria bem-vinda nas localidades centrais do que viria a ser Itabuna, por exemplo, o contingente negro após a abolição da escravatura.

O ser negro outrora escravizado bem como seus descendentes estavam presentes no território desde o período da dominação portuguesa no Brasil, visto que em Ilhéus, nesta época, já se cultivava o cacau em fazendas escravocratas⁴. Prevê-se através de documentos de batismos

⁴ Nesta época, havia o quilombo do Oitizeiro (assaltado e disperso pelo governo entre 1806 e 1807) instalado nas proximidades “da vila de Barra do Rio de Contas (atual Itacare)”. Era um quilombo peculiar pois nele viviam pequenos lavradores de mandioca e seus escravos, contratando quilombolas para trabalhar na produção de farinha que seria vendida ao mercado local, estando, assim, o quilombo integrado à economia regional. (Reis, 2008)

que cerca de um quarto da população ilheense, entre a década de 1820 até 1889, era composta por escravizados.

No momento subsequente à abolição, os caminhos tomados pela população negra foram diversos e, à semelhança de São Paulo – que desmontava os territórios negros, como habitações coletivas e quitandas, ao final da escravidão (Ronilk, 1997) –, Ilhéus buscava uma “imagem metropolitana de uma urbanidade refinada à moda europeia”, que levava à expulsão dos negros dos centros urbanos (Cunha e Ramos, 2011). Segundo Cruz (2012), muitos foram os destinos tomados pelos negros escravizados em Ilhéus após a abolição:

Os ex-escravos em Ilhéus fizeram muitas escolhas quanto ao destino, dentre as quais optaram por: 1- permanecer na propriedade em que fora escravo. 2 – mudar-se para outra propriedade. 3- distanciar-se da zona produtiva e dirigir-se para áreas mais afastadas a fim de plantar cacau e/ou produtos de subsistência. 4- migrar para cidades vizinhas ou para a zona urbana do município de Ilhéus. 5- tornar-se arrendatário ou pequeno proprietário rural. Certamente muitos fatores foram levados em conta, mesmo porque tais opções não estavam ao alcance de todos (Cruz, 2012, p.83).

Seguramente, um dos locais vizinhos citados aos quais os negros libertos se destinavam era aquele que, em momento posterior, viria a ser a cidade de Itabuna; isto porque os caminhos que se originavam na Capitania de Ilhéus com destino ao interior margeavam o rio Almada e o rio Cachoeira, bifurcando-se próximo ao território da atual Itabuna.

Outro momento de adensamento estaria relacionado à implantação do distrito industrial de Itabuna em 1978 em Ferradas, quando o local ainda era distrito de do município de Itabuna. Nesta área na qual anteriormente praticava-se a agricultura de subsistência, foram instaladas fábricas de diferentes portes como TriFil, Kildare, Kissex e Postes Nordeste. Este momento é lembrado pelos moradores mais antigos de Nova Ferradas como o senhor João Alves Gomes (75), que acredita que o eixo de ampliação de Itabuna está nessa direção sudoeste do município, e cita as fábricas e o campus da UFSB (também localizado em Ferradas) como equipamentos importantes da área.

Aproximadamente uma década após a instalação do distrito industrial, o final do período áureo do cultivo do cacau na região justificaria um terceiro grande momento de adensamento urbano em Itabuna, visto que “entre os anos de 1890 e 1920 a população regional passou de 7.629 habitantes para 105.892” (Silveira, 2002, p.14).

Adonias Filho (1978) delimita e caracteriza seis ciclos do cacau no período de 1746 a 1989 desde a implantação do fruto até a última grande crise, estando o sexto ciclo relacionado à crise provocada pela contaminação das lavouras pela vassoura de bruxa em 1989, terminando ao final da década de 1990 com o início da clonagem do cacau a fim de recompor a lavoura⁵. A contaminação da lavoura pelo fungo aumentou substancialmente o custo de produção do cacau, levando à falência inúmeros produtores. Como resultado, decorreu-se amplo êxodo rural ocasionando a “periferização acentuada da região cacauera, principalmente Itabuna e Ilhéus” (Rocha, 2008).

⁵ Muito se especula sobre a introdução do fungo *Crinipellis perniciososa* (vassoura de bruxa) na região. Por exemplo, o filme documentário de Dilson Araújo, “O Nó: Ato Humano Deliberado”, levanta a suspeita de que o fungo tenha sido inserido de forma intencional por grupos políticos, a fim de suprimir o poder econômico e a influência dos barões do cacau nas eleições da região.

Durante as entrevistas realizadas, antigos moradores de Ferradas relembrou as duas últimas enchentes citadas, e relataram a angústia pela qual passaram os que tiveram suas casas destruídas. Relataram, ainda, que na enchente de 1971, após as águas do rio Cachoeira levarem as casas da rua do Cajueiro – que margeia o rio em Ferradas –, o então prefeito Fernando Gomes solicitou que fosse aberta uma rua perpendicular ao rio na qual construiu barracos de madeira para esta população desabrigada do Cajueiro.

Figura 3 - Rio Cachoeira e Rua do Cajueiro



Fonte: Arquivo pessoal da autora

A esta rua deu-se o nome de Primeiro de Maio e assim nasceu o bairro de Nova Ferradas. Ou seja, antes mesmo de Ferradas tornar-se bairro de Itabuna, quando ainda era um distrito do município, Nova Ferradas começava a ser formado como uma continuação/ramificação de Ferradas.

4. A PESQUISA NO LOCAL

Saindo do centro de Itabuna, passando pelo viaduto Paulo Souto, passamos pela Avenida Ibicaí, que se funde com a BR 415. Este caminho segue paralelo ao rio Cachoeira, começando a divergir cerca de seis quilômetros após o viaduto; é neste ponto de divergência que está localizado o bairro de Nova Ferradas.

Com, aproximadamente, 0,4 quilômetros quadrados de área edificada, Nova Ferradas é limitado ao norte pela BR 415, ao sul pelo rio Cachoeira, a leste por Ferradas e a oeste pelo bairro Fernando Gomes e por sete quilômetros de área verde que separam o bairro da cidade vizinha Itapé.

Ao caminhar por Nova Ferradas é impossível não notar a presença do verde da vegetação, que permeia o bairro em diversos pontos, como às margens do rio, mas também em inúmeros terrenos ainda não edificados (figura 4). Por estes terrenos, muitas vezes os residentes criam, a pé, caminhos alternativos que funcionam como atalho entre as vias principais; vias estas, mesmo que calmas, raramente desertas visto que a cultura de sentar na porta de casa, conversar com o vizinho e “ver o movimento” ainda persiste.

Figura 4 - Paisagem de Nova Ferradas



Fonte: Arquivo da autora, 2018

O início do povoamento de Nova Ferradas ocorre a partir da relocação das vítimas da enchente da rua do Cajueiro para a atual rua Primeiro de Maio. A abertura da rua e a instalação de abrigos temporários que serviram de moradia foi demandada pela administração municipal, mas o crescimento e edificações construídas nos períodos subsequentes ocorreram a partir do processo de autoconstrução. Os abrigos emergenciais fornecidos pelo governo, inicialmente de madeira e frágeis, deram lugar a construções mais sólidas em alvenaria à medida que os moradores foram se fixando naquele espaço.

É importante ressaltar que não existem sequer parâmetros urbanísticos previstos para as novas construções em Nova Ferradas visto que o bairro não consta no zoneamento nem no quadro de dimensionamento, ocupação e aproveitamento dos lotes incluso no código de obras⁶ da cidade. Se, no momento presente – em que a cidade possui uma legislação para regularizar as novas edificações –, Nova Ferradas aparentemente não está incluso na agenda de desenvolvimento urbano municipal, é possível presumir que nunca tenha estado.

O estado das vias é tema recorrente nas entrevistas. Os moradores frequentemente sinalizam a pavimentação como uma falta no bairro, porque, apesar das ruas mais largas – por onde passam os ônibus – serem asfaltadas, existem muitas falhas, ondulações, buracos dentre outros defeitos usuais que não são ajustados com a frequência necessária. Além do asfalto, encontramos também vias não pavimentadas e outras pavimentadas com paralelepípedo.

Grande parte das residências ocupa o espaço onde estariam as calçadas com varandas cobertas e gradeadas, e não existem recuos frontais ou laterais entre as casas. Algumas, entretanto, possuem recuos posteriores que conformam os quintais.

Existe uma notória similaridade entre as residências no que tange a arquitetura. Além das varandas cobertas supracitadas, a maioria é composta de um único pavimento térreo, não ultrapassando três metros de gabarito. Algumas apresentam platibandas frontais que escondem o telhado que recobre a casa, exceto a varanda que normalmente estão cobertas por telhas cerâmicas coloniais ou fibrocimento aparentes. Estas platibandas nem sempre são retas, algumas são inclinadas, outras tem formatos em L e possuem uma borda/moldura de

⁶ O atual Código de Obras do Município de Itabuna consta na lei 2344 de 30 de dezembro de 2015. Ferradas também não aparece como um bairro individual, mas como parte da ZICS (Zona Industrial de Comércio e Serviço de Grande Porte).

acabamento. Várias fachadas externas são pintadas, mas o uso de revestimento cerâmico também é recorrente tanto com função estética, quanto como solução para infiltrações. O fechamento da varanda é feito com meia parede de alvenaria, em geral, com cerca de 1 metro de altura, acima da qual colocam as grades. Há também um portão metálico que compõe o conjunto das grades, que se apresentam em desenhos e cores diversos; o portão é feito para passagem de pedestres, e, em maioria, as casas não possuem garagem.

Figura 5 - Fachada Residencial em Nova Ferradas



Fonte: Arquivo Pessoal, 2023

4.1. Fronteiras e o olhar externo ao bairro de Nova Ferradas

Ao atravessar o limite de Nova Ferradas, transitando pela cidade, o morador carrega consigo o “crachá imaterial” de residente de tal espaço. Já que o bairro não consiste apenas do espaço físico e é produzido por elementos humanos, culturais e identitários, ele está em constante movimento ao passo que seus moradores representantes (elementos dinâmicos do bairro) transitam pela cidade. Naturalmente, a identidade – atrelada ao bairro – que este morador leva consigo influencia a sua percepção da cidade e, ainda, como ele é percebido e recebido pela cidade.

Por um lado, seria possível apontar que, em se tratando do olhar externo geral, não há como identificar em qual bairro uma pessoa reside sem que ocorra uma verbalização da informação. Sabe-se, no entanto, que determinados símbolos visuais, estéticos e étnicos podem caracterizar grupos, e frequentemente são utilizados para classificar indivíduos como pertencentes ou não pertencentes a algum local.

No que tange a percepção humana e a estruturação do ambiente em que se está inserido, Tuan (1980) diferencia o funcionamento – em amplitude e acuidade – dos sentidos humanos para os demais animais. Aquilo que é captado pelos sentidos (visão, tato, audição, paladar, olfato) será estruturado seguindo princípios de racionalização e segmentação considerando, ainda, a escala do corpo humano. No entanto, os eventos não apenas são

racionalizados e segmentados, como também normalmente organizados em pares opostos que compõem oposições binárias: certo e errado, perto e longe, aqui e lá, nós e eles.

Seguindo esta lógica de oposição binária, Tuan sugere que a ideia de “centro” e “periferia” seja universal, visto que as pessoas tendencialmente estruturam o espaço com elas mesmas ao centro e, a partir daí, elaboram zonas concêntricas que possuem valores inversamente proporcionais à distância do centro.

Os indivíduos são membros de grupos e todos aprenderam – embora em graus variados – a diferença entre nós e eles, entre as pessoas reais e as pessoas menos reais, entre o lugar familiar e o território estranho. ‘Nós’ estamos no centro. Os seres humanos perdem atributos humanos na proporção em que se distanciam do centro. (Tuan, 1980, p.35)

A atuação midiática, nas mais diversas formas, é exemplo de força externa que influencia a construção de sentimentos relacionados à tofília e tofobia. A construção das identidades sociais e coletivas está, progressivamente mais, atrelada ao que é veiculado nas mídias (Marôpo, 2014).

A segregação espacial e étnica observada nas cidades do Brasil, cria um cenário de discriminação no acesso urbano, perpetuando a desigualdade enfrentada pela população afrodescendente e erigindo uma barreira adicional à integração deste grupo à sociedade. Além disso, vinculando-se cada vez mais à iniciativa privada, as políticas públicas têm influenciado a configuração do ambiente urbano em prol dos interesses das classes dominantes contribuindo para a segregação espacial, e conseqüentemente, para a perpetuação da pobreza e outras carências sociais no espaço urbano (Ramos, 2007, p.98).

Como ilustra Wacquant, quando há a indicação de que espaços marginalizados pretendem tornar-se elementos permanentes da paisagem urbana, é iniciado um combate através de discursos de descrédito promovidos tanto pelo domínio jornalístico, político, burocrático e científico, quanto por outros atores da vida cotidiana. Este descrédito, que dificulta a interação entre o indivíduo estigmatizado e os demais, será denominado estigma. (Goffman, 1975, p.13, apud Marôpo, 2014, p.109).

Dos três grandes tipos de estigmas catalogados por Goffman, as “disformidades do corpo”, os “defeitos de caráter” e as marcas de “raça, nação e religião”, é com o terceiro que o estigma territorial se aparenta, visto que “pode ser transmitido por via da linhagem e [que ele] contamina de igual modo todos os membros da família”. Mas, contrariamente a estas últimas, pode ser facilmente dissimulado e atenuado (ou até, anulado) pela mobilidade geográfica. (Wacquant, 2017, p.28)

Tal como ao indivíduo, a estigmatização afeta também os territórios. Em um lugar negativamente etiquetado, ao qual o direito é negado diferenciando-o do “normal”, justifica-se ações que marginalizam ainda mais os habitantes progressivamente invisibilizados. Desta forma, torna-se mais fácil, por exemplo, expulsar esta população marginalizada de espaços cobijados e desconstruir o lugar⁷ de afeto, segurança e familiaridade cultural com o qual se identificam

⁷ “Espaço é mais abstrato do que lugar. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor”. (Tuan, 1983, apud Rizzo, 2014, p.312).

(Wacquant, 2014). Para a forma urbana negra, há, ainda, o agravante filtro do racismo antinegro – problemática estrutural que influencia negativamente o olhar externo.

É impossível tratar do racismo antinegro sem relacioná-lo ao processo de colonização e escravização. Neste sentido, busca-se Mbembe (2020) o qual, tratando sobre necropolítica, aborda as colônias como espaços onde a distinção racial entre conquistador e o povo subjugado possibilita um governo que atua de forma violenta e na ausência de lei. Com a justificativa de atender ao “processo civilizatório”, os indivíduos são desumanizados até que sejam vistos mais como objetos do que como sujeitos de fato; sendo objeto, suas existências podem ser possuídas, comercializadas e extintas em função das necessidades dos senhores colonizadores. Assim, “em termos foucaultianos, racismo é acima de tudo uma tecnologia destinada a permitir o exercício do biopoder, ‘este velho direito soberano de matar’ (Mbembe, 2020, p.15). Entende-se, então, que o espaço das invasões europeias denominada por eles de colônias se torna matéria prima da soberania, funcionando como fronteira entre colonizador e colonizado; para os colonizadores, as colônias são habitadas por “selvagens”, são ambientes de exploração muito distintos daqueles onde habitam. Construir uma visão negativa e degradante deste espaço de imposição da dominação eurocentrica, bem como daqueles que nele se encontram, é uma necessidade para a viabilidade da ação do colonizador; e, por sua vez, esta imagem estigmatizada do outro e do “lá” é possibilitada através do racismo.

Afim de compreender a posição ocupada por Nova Ferradas na cidade de Itabuna, considerou-se importante acrescentar neste trabalho também a visão e opiniões de moradores externos sobre Nova Ferradas sem, no entanto, fugir ao protagonismo dos atores internos do bairro. Para tanto, formulou-se um questionário online⁸ para ser respondido exclusivamente por membros da população itabunense – exceto moradores de Nova Ferradas.

O formulário foi respondido por oitenta e quatro moradores de Itabuna, majoritariamente entre as idades de 20 e 40 anos (46,4%) e entre 40 e 60 anos (42,9%). Apenas 15% desta amostragem se autodeclarou preta, enquanto a maioria (40%) se autodeclarou parda, e 40% branca – não sendo evidenciadas outras etnias.

Apesar de a grande maioria encontrar-se em localidades afastadas de Nova Ferradas, 97,6% dos entrevistados afirmam terem notícias e saberem a localização do bairro. No entanto, um número um pouco menor dos entrevistados (69%) já visitou Nova Ferradas, e, em quantidade semelhante (67,9%) conhecem algum morador do bairro.

As palavras mais recorrentes nas respostas estão, em primeiro lugar, relacionadas à uma característica mais tangível e observável que é a distância. Estabelecendo um ponto de referência no centro da cidade ou no bairro onde residem, parte significativa dos demais moradores de Itabuna caracterizam Nova Ferradas como longe.

Apesar de cerca de 30% dos entrevistados não conhecerem moradores do bairro ou nunca terem ido até Nova Ferradas, a falta de segurança e a associação a perigo e violência são recorrentes nas respostas. Também recorrente é a sinalização da carência por infraestrutura e, conseqüentemente, a desvalorização do bairro que é agravada pela proximidade com o presídio municipal.

⁸ O formulário foi estruturado de maneira a facilitar o engajamento. Portanto, as perguntas foram escritas de forma objetiva e simplificada utilizando, em maior parte, o recurso da múltipla escolha.

É notório que os discursos de descrédito, também fomentados por setores midiáticos e políticos, influenciam a percepção dos grupos externos à Nova Ferradas sobre o bairro. No entanto, frequentemente, após uma aproximação com Nova Ferradas e seus moradores, há uma mudança – mesmo que parcial – do olhar e imagem previamente construídos. Não há alteração no aspecto da distância, tampouco muda a avaliação de falta de infraestrutura física; no entanto, a perspectiva do que está relacionado ao humano e à ação humana sofre alterações positivas, principalmente no que diz respeito à violência e falta de segurança.

A visão externa sobre Nova Ferradas é oposta ao vivenciado e relatado pelos moradores do bairro. Estes, frequentemente, deixam explícito que o bairro é muito seguro e que há uma clara relação de confiança entre os vizinhos. Se, de forma geral, para a comunidade itabunense, Nova Ferradas possui uma imagem negativa relacionada à violência e precariedade, isto não parece ser absorvido pelos moradores ou influenciar a visão destes em relação ao bairro. Logo, não é possível afirmar que o olhar externo se sobreponha ao interno, ou que as definições exógenas sejam claramente adotadas pelos moradores.

No entanto, retomando a ideia de segregação racial citada no primeiro capítulo, sabe-se que a atribuição de estigmas e a manutenção do status negativo dos bairros periféricos – nos quais a maioria da população é negra – é um projeto com base no racismo antinegro. A redução das desigualdades sociais, intimamente ligada à segurança urbana, só poderá ocorrer mediante o combate à tal projeto através da educação e do entendimento do que é a forma urbana negra e da importância sociocultural dos territórios negros nas cidades brasileiras.

5. CONSIDERAÇÕES

Para quem interessa a continuidade da hegemonia, torna-se objetivo que a população em geral aceite que existem pessoas que merecem estar alheias à direitos. Para tanto, um dos mecanismos mais eficientes aplicados é o de depreciação do grupo através do espaço, isto é, se o bairro é visto como violento, as pessoas que pertencem ao bairro também serão; e a suposta presença de violência serve como justificativa para que o poder público não assista aquele território. Sem assistência e sem oportunidades de desenvolvimento, não há chances de mobilidade social, estabelecendo-se um ciclo de vulnerabilidade que continuamente afeta parte significativa da população afrodescendente.

Entretanto, é possível argumentar que este projeto de descrédito ocorra com todos os bairros pobres, independentemente de serem ou não compostos por maioria negra. É evidente que, no Brasil, a pobreza não está desassociada da racialização, mas existem especificidades relacionadas à população negra que não devem ser negligenciadas, como coloca Ramos (2007):

O reconhecimento da especificidade dos afrodescendentes no espaço urbano é um tema a ser refletido pelo pensamento social e urbano brasileiro, uma vez que o espaço urbano se caracteriza pelo seu perfil transversal nas diferentes políticas públicas setoriais. Os estudos do espaço urbano, como sede das relações sociais, devem ser envolvidos por uma visão multiinter-transdisciplinar. (Ramos, 2007, p.178)

Assim sendo, o reconhecimento do bairro negro (e dos seus habitantes) vai além do reforço de identidade étnico-racial; se desdobra em um mecanismo essencial de combate à

desumanização e negligência que inviabiliza o investimento dos recursos governamentais em benefício destes locais e das famílias que o formam.

Ressaltemos aqui que as semelhanças entre os bairros negros não residem exclusivamente em aspectos negativos relacionados ao racismo e segregação espacial, nem na visão e ação externas deteriorantes da imagem do bairro. O bairro negro o é graças à afrodescendência que persiste às contínuas tentativas de supressão. A existência do bairro negro se dá a partir da noção, ainda que inconsciente, de uma ancestralidade comum que está refletida na cultura, nas relações entre os moradores, nas metodologias construtivas, na construção de caminhos e nas crenças da população.

Nova Ferradas é um bairro com especificidades em sua formação. Parte dos seus moradores vieram das fazendas ou são descendentes de antigos trabalhadores rurais, que utilizaram a própria mão-de-obra e conhecimento acumulado na construção da arquitetura e urbanização do espaço físico do bairro. Ao contrário de bairros como o Engenho Velho da Federação em Salvador, Nova Ferradas não possui núcleos que se desenvolveram a partir dos terreiros e das culturas explicitamente ligadas às religiosidades de matriz africana. No entanto, ainda assim, observa-se que algumas das premissas conceituais levantadas por Maria Estela Ramos estão presentes no bairro. Por exemplo, a construção de casas próximas entre familiares, a noção de família extensa em relação aos vizinhos, a caminhabilidade expressa através dos caminhos alternativos às vias principais feitos a pé, e até mesmo a influência das religiosidades afro-brasileiras dentro da fé cristã.

Os bairros negros são diversos, ainda que possam apresentar similaridades. As informações apreendidas no decorrer desta pesquisa conduzem ao entendimento de que seria equivocado ter uma visão de homogeneidade sobre os bairros negros, visto que eles se apresentam de formas variadas decorrentes do processo de formação, localidade e característica da população negra que nele reside.

6. REFERÊNCIAS

ADONIAS FILHO. **Sul da Bahia**: chão de cacau. Uma civilização regional. Civilização Brasileira, 1978.

ANDRADE, Maria Palma; ROCHA, Lurdes Bertol. **De Tabocas a Itabuna**: um estudo histórico-geográfico. EDITUS, Editora da UESC, 2005.

CAMPOS, Andreilino. Quilombos, favelas e os modelos de ocupação dos subúrbios: algumas reflexões sobre a expansão urbana sob a ótica dos grupos segregados, 2013, pp. 243-265. Disponível em: Acesso em 19 de maio de 2023

CUNHA JÚNIOR, H. BAIROS NEGROS: RUPTURA EPISTÊMICA DO PAN-AFRICANISMO NO BRASIL. **EXTRAMUROS-Revista de Extensão da UNIVASF**, v. 9, n. 2, 2021.

CUNHA JÚNIOR, H. Urbanismo Africano: 6000 mil anos construindo cidades (uma introdução ao tema). **Revista Teias**, v. 21, n. 62, p. 371-382, 2020.

CUNHA JUNIOR, H.; RAMOS M. E. R. TERRITÓRIOS DE MAIORIA AFRODESCENDENTE: Segregação Urbana, Cultura e Produção da Pobreza da População Negra nas Cidades Brasileiras. **Revista Desenvolvimento Social**, v. 1, n. 2, 2011.

LEFEBVRE, H.. Barrio y vida de barrio. In: LEFEBVRE, H. De lo rural a lo urbano. 3. ed. Barcelona: Ediciones Península, 1975, p. 195-203.

MARÔPO, Lidia. Identidade e estigmatização. *Análise Social*, v. 49, n. 210, p. 104-127, 2014.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Melusina, 2020.

OLIVEIRA, Reinaldo José de. Segregação racial e desigualdades urbanas nas cidades brasileiras: elementos para uma observação da necropolítica. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 12, n. 34, p. 131-156, 2020.

RAMOS, Maria Estela Rocha. Bairros Negros: uma lacuna nos estudos urbanísticos-um estudo empírico-conceitual no bairro do Engenho Velho da Federação. 2013. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2013.

RAMOS, Maria Estela Rocha. Território Afrodescendente: Leitura de Cidade Através do Bairro da Liberdade, Salvador (Bahia). Dissertação (mestrado em Arquitetura) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

ROCHA, Lurdes Bertol. **A região Cacaueira da Bahia – dos coronéis à vassoura-de-bruxa**: saga, percepção, representação. Ilhéus: Editus, 2008.

ROLNIK, R. **A cidade e a lei**: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo. São Paulo: Studio Nobel, 1997.

SILVEIRA, Adelindo Kfoury. **Itabuna, minha terra**. Itabuna: Gráfica Santa Helena, 2002.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. DIFEL, 1980.

WACQUANT, Loïc. A estigmatização territorial na idade da marginalidade avançada. *Sociologia*: **Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, v. 16, 2017.